

491 - Como Há de Ser

Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)

Música: Eduard Niemeyer

*J = 90*

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - da, Fin - daa pe - le - ja da paí - xão mor -  
2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - nha - dos Dos raios da di - vi - nae ex - cel - sa  
3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - tou - vin - do O co - ro dos re - mi - dos do Se -  
4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos: "Ben - di - tos, vin - de, pa - raos céus en -  
5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - ria Da tris - teein - dig - na vi - da que fin -  
6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - sa - do, Por men - teou co - ra - ção hu - ma - noa -

D A (A7) D G A7

- tal, Quan - do,a - vis - tan - doa - lém daes - cu - ra vi - da A por - ta do pra - zer ce - les - ti -  
luz, Oh, quea - le - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos Es - tar - mos nós di - an - te de Je -  
- nhor, As áu - reas har - pas, sem - pre re - ti - nin - do Lou - vo - res ao Cor - dei - ro,ao Sal - va -  
- trai!" Eo Sal - va - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos A gló - riaem quee - leha - bi - ta com o  
- dou, Com lu - ci - dez sees - pe - lle na me - mó - ria To - do pe - ca - doou mal queen - tão pas -  
- qui, O bem - es - tar por Deus de - ter - mi - na - do Pa - raos queen - tra - rem com tri - un - foa -

D A A7 D D

- al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - ei - ra, Do ros - toen - xu - to seu fi - nal su -  
- sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - a Comos san - tos ci - da - dãos dos al - tos  
- dor; E quan - do, den - tro dé - trios es - pa - ço - sos, En - toar - mos gra - tos sal - mos, sem ces -  
Pai? A - li, não tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da, Nem dor nem pran - toes tor - vam o pra -  
- sou, O nos - soa - pre - ço de Je - sus au - men - te, E da cle - mên - cia des - te Ben - fei -  
- li! A - van - te,ir - mäos! A - van - te no ca - mi - nho Que nos con - duz ao go - zo tâo re -

A A7 D A (A7) D G Em D/A A7 D

- or, Dei - xar - mos es - ta ce - na pas - sa - gei - ra, En - tran - doao san - to lar dee - ter - noa - mor?  
céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - nhia Que cer - cao tro - no do su - pre - mo Deus?  
- sar, E, co - moin - cen - so,os hi - nos fer - vo - ro - sos Su - bi - rem jun - to ao ce - les - teal - tar?  
- zer, A vis - ta não seo - fus - ca,eem vol - ta na - da Po - dea di - to - sa fes - taen - tris - te - cer?  
- tor, E de con - tí - nuoa gra - ti - dão sea - len - te Por seu in - sig - nee mi - la - gro - soa - mor?  
- al! Sea - qui nós te - mos um qui - nhão mes - qui - nho. Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - vi - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,  
Finda a peleja da paixão mortal,  
Quando, avistando além da escura vida  
A porta do prazer celestial,  
Dos pés varrida a última poeira,  
Do rosto enxuto seu final suor,  
Deixarmos esta cena passageira,  
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados  
Dos raios da divina e excelsa luz,  
Oh, que alegria! Isentos de pecados,  
Estarmos nós diante de Jesus!  
E pela vez primeira em harmonia  
Com os santos cidadãos dos altos céus,  
Unindo-nos, sem medo, à companhia  
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo  
O coro dos remidos do Senhor,  
As áureas harpas, sempre retinindo  
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;  
E quando, dentro de átrios espaçosos,  
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,  
E, como incenso, os hinos fervorosos  
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:  
"Benditos, vinde, para os céus entrai!"  
E o Salvador dignar-se revelar-nos  
A glória em que ele habita com o Pai?  
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,  
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.  
A vista não se ofusca, e em volta nada  
Pode a ditosa festa entristecer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história  
Da triste e indigna vida que findou,  
Com lucidez se espelhe na memória  
Todo pecado ou mal que então passou,  
O nosso apreço de Jesus aumente,  
E da clemência deste Benfeitor;  
E de contínuo a gratidão se alente  
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,  
Por mente ou coração humano aqui,  
O bem-estar por Deus determinado  
Para os que entrarem com triunfo ali!  
Avante, irmãos! Avante no caminho  
Que nos conduz ao gozo tão real!  
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.  
Marchamos para a glória divinal.

491 - Como Há de Ser  
Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)  
Música: Eduard Niemeyer

**J = 90**

**Chorus:**

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - - da.  
2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - - nha - - dos  
3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - toou - vin - - do  
4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos:  
5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - - ria  
6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - - sa - - do,

Fin - daa pe - - le - - ja da paí - xão mor -  
Dos raios da di - - vi - nae ex - cel - sa  
O co - ro dos re - mi - dos do Se -  
"Ben - di - tos, vin - - de, pa - raos céus en -  
Da tris - teein - dig - - na vi - da que fin -  
Por men - teou co - - ra - ção hu - ma - noa -

**Stanza 1:**

-tal, Quan - do,a - vis - tan - - doa - lém daes - cu - ra vi - - da  
luz, Oh, quea - le - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos  
-nhor, As áu - reas har - - pas, sem - pre re - ti - - nin - do  
-trai!" Eo Sal - va - - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos  
-dou, Com lu - ci - - dez sees - pe - lhe na me - mó - ria  
-qui, O bem - es - tar por Deus de - ter - mi - - na - - do

A por - ta do pra - zer ce - les - ti -  
Es - tar - mos nós di - an - te de Je -  
Lou - vo - res ao Cor - dei - ro,ao Sal - va -  
A gló - riaem quee - leha - bi - ta com o  
To - do pe - - ca - doou mal queen - tão pas -  
Pa - raos queen - tra - - rem com tri - un - foa -

**Stanza 2:**

-al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - - ei - - ra,  
-sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - - a  
-dor; E quan - do, den - tro déa - trios es - pa - - ço - sos,  
Pai? A - - li, não tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da,  
-sou, O nos - soa - pre - çõ de Je - sus au - men - te,  
-li! A - - van - te,ir - mäos! A - van - te no ca - - mi - - nho

Do ros - toen - xu - - to seu fi - nal su -  
Comos san - tos ci - - da - dãos dos al - tos  
En - toar - mos gra - - tos sal - mos, sem ces -  
Nem dor nem pran - toes - tor - vam o pra -  
E da cle - mén - - cia des - te Ben - fei -  
Que nos con - - duz ao go - zo tão re -

**Stanza 3:**

-or, Dei - xar - mos es - - ta ce - na pas - sa - - gei - - ra,  
céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - - nhia  
-sar, E, co - moin - cen - so,os hi - nos fer - vo - - ro - - sos  
-zer, A vis - ta não seo - fus - ca,em vol - ta - na - - da  
-tor, E de con - tí - nuoa gra - ti - - dão sea - len - - te  
-al! Sea - qui nós te - - mos um qui - nhão mes - - qui - - nho.

F Dm C/G G7 C

En - tran - doao san - to lar dee - ter - - noa - - mor?  
Que cer - cao tro - no do su - pre - - mo Deus?  
Su - bi - rem jun - to ao ce - les - - teal - - tar?  
Po - dea di - - to - sa fes - taen - tris - te - - cer?  
Por seu in - - sig - nee mi - la - gro - - soa - - mor?  
Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - - vi - - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,  
Finda a peleja da paixão mortal,  
Quando, avistando além da escura vida  
A porta do prazer celestial,  
Dos pés varrida a última poeira,  
Do rosto enxuto seu final suor,  
Deixarmos esta cena passageira,  
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados  
Dos raios da divina e excelsa luz,  
Oh, que alegria! Isentos de pecados,  
Estarmos nós diante de Jesus!  
E pela vez primeira em harmonia  
Com os santos cidadãos dos altos céus,  
Unindo-nos, sem medo, à companhia  
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo  
O coro dos remidos do Senhor,  
As áureas harpas, sempre retinindo  
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;  
E quando, dentro de átrios espaçosos,  
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,  
E, como incenso, os hinos fervorosos  
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:  
"Benditos, vinde, para os céus entrat!"  
E o Salvador dignar-se revelar-nos  
A glória em que ele habita com o Pai?  
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,  
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.  
A vista não se ofusca, e em volta nuda  
Pode a ditosa festa entristercer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história  
Da triste e indigna vida que findou,  
Com lucidez se espelhe na memória  
Todo pecado ou mal que então passou,  
O nosso apreço de Jesus aumente,  
E da clemência deste Benfeitor;  
E de contínuo a gratidão se alente  
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,  
Por mente ou coração humano aqui,  
O bem-estar por Deus determinado  
Para os que entrarem com triunfo ali!  
Avante, irmãos! Avante no caminho  
Que nos conduz ao gozo tão real!  
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.  
Marchamos para a glória divinal.

491 - Como Há de Ser

Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)

Música: Eduard Niemeyer

**J = 90**

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - da, Fin - daa pe - le - ja da pai - xão mor -  
 2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - rna - dos Dos raios da di - vi - nae ex - cel - sa  
 3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - tou - vin - do O co - ro dos re - mi - dos do Se -  
 4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos: "Ben - di - tos, vin - de, pa - raos céus en -  
 5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - ria Da tris - teein - dig - na vi - da que fin -  
 6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - sa - do, Por men - teou co - ra - ção hu - ma - noa -

Bb F (F7) Bb Eb F7

- tal, Quan - doa - vis - tan - doa - lém daes - cu - ra vi - da A por - ta do pra - zer ce - les - ti -  
 luz, Oh, quea - le - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos Es - tar - mos nós di - an - te de Je -  
 - nhor, As áu - reas har - pas, sem - pre re - ti - nin - do Lou - vo - res ao Cor - dei - ro, ao Sal - va -  
 - trai!" Eo Sal - va - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos A gló - ria em quee - leha - bi - ta com o  
 - dou, Com lu - ci - dez sees - pe - lhe na me - mó - ria To - do pe - ca - doou mal queen - tão pas -  
 - qui, O bem - es - tar por Deus de - ter - mi - na - do Pa - raos queen - tra - rem com tri - un - foa -

Bb F F7 Bb Eb

- al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - ei - ra, Do ros - toen - xu - to seu fi - nal su -  
 - sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - a Comos san - tos ci - da - diaos dos al - tos  
 - dor; E quan - do, den - tro déa - trios es - pa - ço - sos, En - toar - mos gra - tos sal - mos, sem ces -  
 Pai? A - li, nã tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da, Nem dor nem pran - toes - tor - vam o pra -  
 - sou, O nos - soa - pre - ço de Je - sus au - men - te, E da cle - mén - cia des - te Ben - fei -  
 - li! A - van - te, ir - mãos! A - van - te no ca - mi - nho Que nos con - duz ao go - zo tão re -

F F7 Bb F (F7) Bb Eb Cm Bb/F F7 Bb

- or, Dei - xar - mos es - ta ce - na pas - sa - gei - ra, En - tran - doao san - to lar dee - ter - noa - mor?  
 céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - nhia Que cer - cao tro - no do su - pre - mo Deus?  
 - sar, E, co - moin - cen - soos hi - nos fer - vo - ro - sos Su - bi - rem jun - to ao ce - les - teal - tar?  
 - zer, A vis - ta não seo - fus - ca, eem vol - ta na - da Po - dea di - to - sa fes - taen - tris - te - cer?  
 - tor, E de con - tí - nuoa gra - ti - dão sea - len - te Por seu in - sig - nee mi - la - gro - soa - mor?  
 - al! Sea - qui nós te - mos um qui - nhão mes - qui - nho. Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - vi - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,  
Finda a peleja da paixão mortal,  
Quando, avistando além da escura vida  
A porta do prazer celestial,  
Dos pés varrida a última poeira,  
Do rosto enxuto seu final suor,  
Deixarmos esta cena passageira,  
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados  
Dos raios de divina e excelsa luz,  
Oh, que alegria! Isentos de pecados,  
Estarmos nós diante de Jesus!  
E pela vez primeira em harmonia  
Com os santos cidadãos dos altos céus,  
Unindo-nos, sem medo, à companhia  
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo  
O coro dos remidos do Senhor,  
As áureas harpas, sempre retinindo  
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;  
E quando, dentro de átrios espaçosos,  
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,  
E, como incenso, os hinos fervorosos  
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:  
"Benditos, vinde, para os céus entrai!"  
E o Salvador dignar-se revelar-nos  
A glória em que ele habita com o Pai?  
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,  
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.  
A vista não se ofusca, e em volta nada  
Pode a ditosa festa entristercer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história  
Da triste e indigna vida que findou,  
Com lucidez se espelhe na memória  
Todo pecado ou mal que então passou,  
O nosso apreço de Jesus aumente,  
E da clemência deste Benfeitor;  
E de contínuo a gratidão se alente  
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,  
Por mente ou coração humano aqui,  
O bem-estar por Deus determinado  
Para os que entrarem com triunfo ali!  
Avante, irmãos! Avante no caminho  
Que nos conduz ao gozo tão real!  
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.  
Marchamos para a glória divinal.